

Estudios Culturales: la construcción continua de una epistemología del saber.

Rafael Silveira de Aguiar Silveira.

Cita:

Rafael Silveira de Aguiar Silveira (2017). *Estudios Culturales: la construcción continua de una epistemología del saber*. XXXI Congreso de la Asociación Latinoamericana de Sociología. Asociación Latinoamericana de Sociología, Montevideo.

Dirección estable: <https://www.aacademica.org/000-018/4225>



**XXXI CONGRESO ALAS
URUGUAY 2017**

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

**ESTUDOS CULTURAIS: NOTAS SOBRE A CONSTRUÇÃO CONTÍNUA DE UMA
EPISTEMOLOGIA DO SABER**

Rafael Silveira de Aguiar

silveira.sa@gmail.com

Universidade Federal do Ceará - UFC

Brazil



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

RESUMEN

Este trabalho se propõe em iniciar discursões entre os principais autores deste campo de estudo, traçando um ensaio entre Nelson Maldonado-Torres (2016), Maria Manoel Baptista (2009), Franz Fanon (1983), Walter Mignolo (2003), trazendo características sobre suas iniciativas em relação as proposições epistemológicas e metodológicas para a consolidação dos Estudos Culturais na academia. Será levando em consideração para este ensaio, iniciativas reflexivas sobre a construção do pensamento acadêmico, sobretudo da construção de saberes e práticas locais como forma de fazer presente novas narrativas sobre si. Serão considerados alguns elementos de livros e textos destes autores contemporâneos. A urgência da necessidade de construir críticas sobre as formas de construção do saber, bem como tudo aquilo se desenvolve de acordo com as relações sociais de um determinado contexto territorial, nos leva a outras compreensões do atual modelo de narração linear. Nos estudos sobre sociedades historicamente secundarizadas, nos leva para a obrigação de colocar em questão estas posições. Estas, são fixadas por um poder hegemônico, no qual escreve a sua história e a de seus subjugados de forma linear, baseando-se no seu próprio ponto de vista. Os Estudos Culturais se colocam como uma iniciativa de ler o colonizado a partir da sua própria voz, na busca por narrativas que deposite nos sujeitos proprietários de sua própria história, colocando de lado as formas já consagradas. Desta forma, se colocam como um campo incrivelmente recente, em relação ao modelo europeu moderno acadêmico do conhecimento, no qual possui inúmeros desafios de se colocar como um campo de estudos, portador de metodologias adequadas, com práticas particulares e leituras crítica sobre o papel da academia. Como resultado, este ensaio se mostrou necessário para iniciar discussões epistêmicas sobre as formas de escrita e de construção de narrativas que levem em consideração a percepção do outro.



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

ABSTRACT

This paper proposes to initiate discourses among the main authors of this field of study, tracing an essay between Nelson Maldonado-Torres (2016), Maria Manoel Baptista (2009), Franz Fanon (1983) and Walter Mignolo (2003). his initiatives in relation to the epistemological and methodological propositions for the consolidation of Cultural Studies in the academy. It will be taking into consideration for this essay, reflective initiatives on the construction of academic thinking, especially on the construction of local knowledge and practices as a way to present new narratives about itself. Some elements of books and texts of these contemporary authors will be considered. The urgency of the need to construct criticism about the forms of knowledge construction, as well as all that develops according to the social relations of a given territorial context, leads us to other understandings of the current model of linear narration. In studies on historically secondary societies, it leads us to the obligation to question these positions. These are fixed by a hegemonic power, in which it writes its history and that of its subjugados in a linear way, basing itself in its own point of view. The Cultural Studies stand as an initiative to read the colonized from his own voice, in the search for narratives that deposited in the subjects owners of their own history, putting aside the forms already consecrated. In this way, they present themselves as an incredibly recent field, in relation to the modern European academic model of knowledge, in which it has many challenges of being a field of studies, with appropriate methodologies, with particular practices and critical readings on the role of Academy. As a result, this essay proved necessary to initiate epistemic discussions on the forms of writing and construction of narratives that take into account the perception of the other.

Palabras clave

Estudios Culturais; Subalterno; Metodologia.

Keywords

Cultural Studies; Subaltern; Methodology.



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

I. Introducción

Inicialmente, a urgência da necessidade de construir críticas sobre as formas de construção do saber, bem como tudo aquilo se desenvolve de acordo com as relações sociais de um determinado contexto territorial, nos leva à outras compreensões do atual modelo de narração linear. Nos estudos sobre sociedades historicamente secundarizadas, subjugadas, colonizadas ou em qualquer posição de sub-serviência, leva-nos na obrigação de por em questão estas posições.

Desta forma, iniciar esse artigo veio para iniciar de forma simplória colocar algumas das diversas formas de construção do pensamento, que assenta em seus colonizados numa posição de subalternidade. São fixadas a partir de um poder hegemônico, no qual escreve a sua história e seus povos de forma linear, baseando-se no seu próprio ponto de vista. Ou seja, a história dos vencidos escrita pelos vencedores, fechando-se para o discurso nativo.

Estudar o início das discussões acerca do desmonte da lógica linear da história, contata a partir do olhar hegemônico, se tornou uma ação desafiadora academicamente. Assim, os Estudos Culturais se colocam como uma iniciativa de ler o colonizado a partir da sua própria voz, na busca por sujeitos proprietários de narrativas da sua própria história, colocando de lado as formas já estabelecidas de entendimento.

Os Estudos Culturais se assentam como um campo incrivelmente recente, em relação ao modelo europeu moderno acadêmico de conhecimento, no qual possui inúmeros desafios de se impor como um campo de estudos. Além disso, nota-se que é necessário fazer conhecer as diversas metodologias possíveis, nos quais levam em consideração as práticas singulares dos indivíduos. Consequentemente, expande seu olhar crítico sobre o papel da academia (e do acadêmico) diante das contradições do modelo de pensamento único como, por exemplo, o entendimento sobre a origem da modernidade a partir de um único pensamento geograficamente localizado.

Este trabalho se propõe em iniciar discursões sobre as proposições que os autores colocam como necessárias o avanço na elaboração de uma outra epistemologia. Especificamente, coloco em evidência a busca por estratégias metodológicas que levem em consideração o discurso do nativo, que valorize os saberes locais como conhecimento válido e legítimo. O esforço por parte dos pensa-



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

dores em descrever outras metodologias. Levantarei algumas ideias da construção de outros caminhos epistemológicos, da diversidade existentes no chamado “sul”, dos países historicamente marcados por suas posições secundárias do saber.

Vale lembrar que as ideias desenvolvidas pelos autores são iniciativas de deslocamento do saber, em especial, do deslocamento das práticas acadêmicas que perpetuam a dependência do conhecimento europeu. Portanto, esse ensaio, mesmo que de forma simplória, pretende buscar indício, pistas ou quaisquer vestígios de proposição metodológica para as Ciências Sociais, levando em consideração que a iniciativa de constituir outra forma de ver a ciência humana estar em processo.

II. Marco teórico/marco conceptual

Para essa investigação, nas iniciativas de encontrar indícios que revelam outras formas de pensar, necessita-se também deslocar os tradicionais autores estabelecidos dentro das Ciências Humanas, em especial as Ciências Sociais, os sujeitos que dialogam, discutem e lançam luz para outros caminhos possíveis.

Primeiramente, utilizo Nelson Maldonado-Torres pelo fato de trabalhar no cruzamento de diferentes genealogias de pensamento, e sua exterioridade em diferentes gêneros de escrita, discursos, expressões artísticas e movimentos sociais. Especificamente, Maldonado-Torres se apoia sobre o processo de *descolonização e transdisciplinaridade* que deverá ser iniciado quando questionado sobre outros processos de conhecimento. Dessa forma, em seu artigo intitulado *Transdisciplinaridade e decolonialidade*¹ (Maldonado-Torres, 2015) se mostra bastante clarificador sobre os primeiros passos para questionar a academia como um espaço validador de estruturas preexistentes que, de certa medida, moldam o pensar centralizador europeu.

Depois, como forma de complementar a questão da transdisciplinaridade, bem como seus pontos em comum, Maria Manoel Baptista, em seu artigo intitulado *O quê e como da investigação*

¹ Revista Sociedade e Estado – Volume 31 Número 1 Janeiro/Abril 2016.



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

*em Estudos Culturais*², nos ajudou em tender compreender de forma mais prática as tessituras intelectuais, no qual se coloca como um desafio de diversificar e pluralizar o chamado “Estudos Culturais”.

Ainda como integrante da discussão, o texto de Gayati Chakravorty Spivak “Pode o subalterno falar? ” (Spivak, 1984), nos mostrará como o lugar do pesquisador poderá afetar significativamente os entendimentos e resultados de uma investigação no campo das ciências humanas. Ela se dará, a partir da crítica as representações do sujeito dito do “terceiro mundo”, categoria extremamente superada, mas que ainda permeia determinados discursos imperialistas.

A construção de um saber, em especial, a forma de conhecimento que leve em consideração o “outro” e suas relações com seus conhecimentos, estabelece um leque de possibilidades para novos saberes se constituírem como tal. Estas possibilidades, por sua vez, são conexões entre teorias e suas justificativas metodológicas que têm uma profunda relação com sua história, ou melhor, sua relação com contexto acadêmico existente naquele momento. Neste passo, a história dos Estudos Culturais, e de tudo que vive no solo acadêmico – visto como um campo de atuação que transpira valores de credibilidade e confiabilidade – revela o quanto são relativamente novos e instáveis, em comparação a outros conhecimentos predominantes já estabelecidos.

III. Metodología

A partir dos autores citados anteriormente, minha iniciativa foi de constituir minimante diálogos entre eles, no que diz respeito aos marcos teóricos que trazem. Os dados aqui apresentados são de cunho experimental, no qual traçam ideias voltadas para um ensaio epistemológico e metodológico da construção do “outro” e do conhecimento envolvidos no processo de pesquisa.

Assim, este trabalho se coloca mais próximo de um exercício ensaístico, no qual escolho tais autores e suas obras, bem como suas estruturações epistêmicas da ciência do social. O levantamento dos questionamentos crítico dos autores, bem como o posicionamento crítico da ciência e do intelectual, levará ao deslocamento das ações dos sujeitos atuantes neste espaço. Tão logo, as ideias

² In: Cultura: Metodologia e investigação (2009).



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

levantadas aqui estão dentro, em certo sentido, flutuando, passando por diversos campos de conhecimento possíveis dentro das investigações nesse espaço. Portando, os autores surgirão conforme as conexões possíveis.

IV. Análisis y discusión de datos

Inicialmente, as investigações no campo das ciências humanas, em sua quase totalidade, estão interessadas e centralizadas na busca pelo “outro”, no sentido da busca pelas diferenças. Elas, as diferenças, podem ser diversas, se dando primordialmente na concepção de “civilização”, bem como cultura, arte, linguagem, modo de vida, literatura, religião, política e quaisquer características distintivas que demarcam lugar e espaço. A busca pelo “exótico”, outrora cobiçado pelos exploradores e viajantes em séculos passados, ainda pode ser visualizado também nas formas de investigação e pesquisa no espaço acadêmico.

Nesse sentido, Spivak (1984), no seu clássico “Pode o subalterno falar?” nos revela justamente a necessidade de deslocarmos o olhar da busca pelo “outro”, no sentido de descobrir sujeitos e “civilizações” distantes conceitualmente e geograficamente. O lugar do investigador como um espaço questionável, no sentido de que seu olhar estará embebido unilateralmente pelo dominador. Esta crítica se inicia, segundo Spivak, na representação do sujeito pesquisado, geralmente de países fora do contexto eurocêntrico.

Aqui, reside a construção da representação do “outro”, não só na questão existencial (descobrir que existe o diferente), mas também na sua concepção estética (as formas de expor a sua identidade). A partir do momento em que se entende a diferença, surge o sujeito subalterno, na definição de Spivak (1984), que seria aquele pertencente “às camadas mais baixas da sociedade constituídas pelos modos específicos de exclusão dos mercados, da representação política e legal, e da possibilidade de se tornarem membros plenos no estrato social dominante” (p.12).

Nesse momento, Spivak esclarece como é entendido a ideia do sujeito subalterno, no sentido para além das questões objetivas (financeiras), há ainda a representação da subalternidade cultural, no qual se refere a todo país (nação, etnia) que é colocado na posição de dependente à outros países.



**XXXI CONGRESO ALAS
URUGUAY 2017**

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

Tal dependência se dará de diversas formas, seja ela econômica, social, cultural, artística e, especialmente, intelectual.

A dependência intelectual, nesse sentido, estará presente nas concepções do conhecimento existente na academia, especialmente localizadas nesses países nessas condições. Tão logo, para nos desprendermos desse lugar de dependência, necessita-se da descentralização do sujeito autorizado, no qual até então possuía a legitimidade da fala. Aqui, Spivak (1984) diz que: “a produção intelectual ocidental é, de muitas maneiras, cúmplice dos interesses econômicos internacionais do Ocidente.” (p.20).

O esforço em questionar o lugar do pesquisador passa, em certo grau, pela reavaliação dos valores entendido pelos próprios colonizados, pois também carregam consigo valores e compreensões que lhe foram impostas pelos seus países provedores.

Segundo Nelson Maldonado-Torres, com em artigo *Transdisciplinaridade e decolonialidade* (2016), traz à tona as críticas voltadas aos Estudos Culturais (também chamados de estudos étnicos), sobretudo quanto às metodologias que se esboçaram diante dos inúmeros estudos e debates sobre o pensamento ocidental moderno. As diversas análises sobre a descolonialidade do conhecimento e da Ciência, podemos visualizar este como um campo de estudo que se propõe, antes de tudo, ser político. Com outras palavras, o fato de criticar o seu próprio campo acadêmico já se torna um posicionamento político. Desta desconstrução do Saber (com S maiúsculo), imperativo de forma lenta e gradual de um projeto ocidental moderno a partir da colonização histórica, podemos iniciar minimamente as questões referentes às metodologias possíveis.

Segundo a perspectiva de Maldonado-Torres (2016), a metodologia tem sido uma das características mais determinantes do discurso da Ciência como uma forma de poder, onde se exige dureza nas estratégias de investigação para se construir um conhecimento válido para se tornar academicamente aceito. Trazendo como contraponto a isto, os Estudos Coloniais (que também podem ser denominados de estudos decoloniais) constroem severas críticas à Ciência como forma de imposição de poder, violência e alta capacidade de subalternizar outros conhecimentos que não estão de acordo com essa “dureza” metodológica.



**XXXI CONGRESO ALAS
URUGUAY 2017**

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

Logo, estes últimos estão localizados justamente no contexto da subalternização histórica a partir da sua colonização exploratória, são dependentes da metrópole politicamente, economicamente e culturalmente. Estes, por sua vez, construíram saberes localizados a partir de sua história, em muitas das vezes antes mesmo do início da colonização, narrando sua construção subjetiva das práticas religiosas e do diálogo com a natureza. Maldonado-Torres nos mostra o quanto os Estudos Culturais, a partir da interdisciplinaridade, estão abertos à construção dos conhecimentos (na versão mais plural possível) como uma alternativa aos grandes discursos e narrativas que tendem a ser universalizantes do pensamento produzindo pelo modelo acadêmico europeu.

Neste passo, um dos grandes desafios dos estudos interdisciplinares é a primazia pela sua episteme em relação às ciências europeias, onde irão se apropriar de pensamentos que levem em consideração mais de uma narrativa, evidenciando uma abertura a outras formas de narrativas para além das já conhecidas. Tão logo, evidencia-se na sua episteme a desconstrução dualística entre o ser e o não ser, entre a verdade e a mentira e entre todas as formas excludentes de tudo aquilo que não se enquadra no estabelecido.

Seguindo na construção de um esboço metodológico dos estudos culturais, Maria Manoel Baptista (2009) nos mostra que este campo de pesquisa se torna gravitacional e complexo diante das inúmeras possibilidades de conexão, elevadas pela iniciativa de partilha de saberes, métodos e experiências de investigação de pesquisadores de diversas áreas, que dividam o sentimento de questionar a cultura.

Tão logo, a autora demonstra que esses entrecruzamentos de saberes revelam também algumas preocupações enquanto metodologia dos estudos culturais, colocando em evidência alguns pontos, como, por exemplo: a utilização reflexiva de metodologias compreensivas, que mescle pesquisas quantitativas e qualitativas, valorizando a vida e o cotidiano como iniciativas para dialogar com teorias e suas metodologias de investigação.

Posteriormente, Baptista (2009) revela as principais características comuns sobre os Estudos Culturais, que são primordialmente políticos, complexos e abertos a outras áreas de conhecimento acadêmico ou fora dele.



**XXXI CONGRESO ALAS
URUGUAY 2017**

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

Uma outra característica muito frequente na análise praticada pelos Estudos Culturais consiste no compromisso cívico e político (no sentido grego e mais radical de investigação e envolvimento nos assuntos da polis) de estudar o mundo, de modo a poder intervir nele com mais rigor e eficácia, construindo um conhecimento com relevância social. Este compromisso político (no sentido mais lato e profundo do termo) filia-se num contexto mais genericamente definido a partir dos princípios da democracia cultural. (Baptista, 2009, p. 18).

Neste momento, tanto Maldonado-Torres (2016) quanto Baptista (2009) compartilham da ideia de que os Estudos Culturais são eminentemente políticos, pois a partir do momento em que se questiona a narrativa única e, ao mesmo tempo reivindica a audição e legitimação de novas narrativas múltiplas até então secundarizadas, está finalmente questionando seu contexto acadêmico de legitimação dos estudos produzidos ali. Embora afirmem da não eliminação do pensamento até então vigente, ambos os autores compreendem que suas críticas não estão nas narrativas hegemônicas em si, mas, sim, na forma como são impostas em terras colonizadas. Pela forma como são impostas, estas narrativas podem acarretar, nas subjetividades dos subjugados, a incapacidade de compreender o contexto a sua volta, assim como não lhes dão conta da complexidade de sua posição subalterna, tampouco da possibilidade de criticar a imposição.

Como foi abordado em outros textos desta disciplina, o projeto de descolonização do pensamento e toda sua linha de raciocínio propositiva será ainda um projeto em construção inacabado de suas ideias e práticas. Nessa perspectiva sobre a metodologia, os Estudos Culturais ainda estão incompletos em desenvolver formas de abordagem metodológica e instrumentalidades para a pesquisa acadêmica, ou simplesmente pensar novos caminhos para além dos já existentes. A transdisciplinaridade significa reconhecer o outro como produtor de conhecimento na sua plenitude, atendo para uma lógica mais ampla, desconstruindo a tendência de secundarizar o pensamento existente no “outro” fora do eixo. Ou seja, segundo Maldonado-Torres (2016), deve-se deslocar também o que se conhece e concebe como “eixo” produtor do saber.



XXXI CONGRESO ALAS
URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

Já Franz Fanon (1983), expõe sua proposição enquanto projeto de questionamento desse “eixo” produtor de autenticidade academicamente falando, colocando a importância de se ter ciência das várias possibilidades de ler o chamado “real” a partir da transdisciplinaridade dos olhares.

De uma vez por todas, a realidade exige uma compreensão total. No plano objetivo como no plano subjetivo, uma solução deve ser encontrada. E é inútil vir com ares de *mea culpa*, proclamando que o que importa é salvar a alma. Só haverá uma autêntica desalienação na medida em que as coisas, no sentido o mais materialista, tenham tomado os seus devidos lugares. É de bom tom preceder uma obra de psicologia por uma tomada de posição metodológica. Fugiremos à regra. Deixaremos os métodos para os botânicos e os matemáticos. Existe um ponto em que os métodos se dissolvem. (Fanon, 1983, p. 29).

Desta forma, podemos visualizar mais nitidamente uma atitude descolonial que suspende os métodos que excluem o “outro”, promovendo um método sem métodos. Fanon, com sua forte influência da Psicologia, nos propõe a entender a questão negra a partir do “não ser”, de modo a se contrapor a uma linha ortodoxia moderna colonial. Ou seja, Fanon pretende ler o negro a partir da sua não existência, das formas de invisibilizar o outro, do seu *não lugar*, da incorporação da sua inferioridade importa pelo outro.

A importância para a interlocução com outras áreas de conhecimento para além das Ciências Sociais, mostra o quanto a os estudos psicanalíticos e todo que envolve os estudos relacionados a *psique* do sujeito negro, por exemplo, pode clarificar a questão negra. Fanon, em seu livro *Pele negra, máscaras brancas* (1983) insiste em muitos momentos na necessidade de abertura para outras leituras fora das Ciências Sociais, já habitadas na questão negra como um tema que transcende os enquadramentos teórico europeu.

Isto é feito ao criar laços e novas formas entre esferas que a Modernidade ajudou a separar: a esfera da política ou do ativismo social, a esfera da criação artística e a esfera da produção de conhecimento. A consciência decolonial acarreta formas de atuar, de ser e de conhecer que se alimentam dos encontros entre estas áreas. (Maldonado-Torres, 2016, p. 94)

Para Maldonado-Torres (2016), cria-se uma consciência decolonial, no qual busca desagregar e desconstruir o saber, o ser e o poder. Propõe-se também em olhar para suas próprias fronteiras,



**XXXI CONGRESO ALAS
URUGUAY 2017**

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

na humildade em descobrir seus limites para estimular ações decoloniais dos Estudos Culturais, permitindo-se confrontar com suas fronteiras imateriais e subjetivas. Consequentemente, transpondo-se às fronteiras para visualizar as consciências e interpretações distintas.

Na leitura de Walter Mignolo (2003) coloca esse deslocamento do penar dentro de um projeto global, no qual conceitua como uma ferramenta que estimula a busca por histórica locais, que tomem como referência experiências localizadas que se diferenciam de uma narrativa generalista. A importância de narrações localizadas sobre espaços limitados, como mecanismo de multiplicidade das vozes, trazendo a tona contextos até então desconhecidos.

Como consequência de um processo de estímulos, Mignolo (2003) apresenta o conceito de *um outro pensamento*, no qual traz reflexões epistêmicas propositivas diante de inúmeras críticas ao pensamento hegemônico do saber. Assim, Mignolo propõe uma quebra da dialética hegeliana, localizadas nas fronteiras da colonialidade do poder no sistema global moderno, no qual faz crítica ao pensamento linear da história, indo à outra perspectiva de formação e desenvolvimento, levando em consideração diferentes histórias locais e suas particularidades. Ou seja, esse “outro pensamento” se baseia nas confrontações entre diferentes conceitos de história.

Um “um outro pensamento” implica a redistribuição da geopolítica do conhecimento de forma como foi organizado tanto pelo ocidentalismo (enquanto imaginário dominante e autodefinição do sistema mundial) como pelo orientalismo (um exemplo particular em que se localizava a diferença do mesmo), justamente como estudos de área e o triunfo das ciências sociais na geopolítica do conhecimento. Também envolve um esforço para escapar ao domínio da metafísica ocidental e de seu equivalente, o campo teológico do pensamento islâmico. Um “um outro pensamento” situa-se em todos esses, e em nenhum deles, em sua fronteira (como Gloria Anzaldúa coloca a questão). O potencial de “um outro pensamento” é epistemológico e também ético: *epistemológico* porque é construído sobre uma crítica às limitações de duas tradições metafísicas – a cristã/ocidental secular e a islâmica. (Mignolo, 2003, p. 104)

Nesse sentido, nasceria uma nova epistemologia fortemente ligada às micronarrativas, localizadas nas particularidades de cada região (país, estados, cidades ou comunidades), que traria à tona o surgimento das *sociedades silenciadas*. Ou seja, conjuntos que possuiriam poder de fala, mas não seriam ouvidas na produção de conhecimentos locais, utilizando a *crioulização* (mistura) de línguas locais.



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

Diante de tantas expressões do pensar para fora, muitos dos autores expostos aqui estão minimamente em sintonia com a questão. Os diálogos que desenvolveram a partir de duas formações e experiências acadêmicas, demonstram o quanto os Estudos Culturais, e todo o desenvolvimento de uma Epistemologia do Sul, estão na sua fase mais embrionária. Uma das grandes críticas que são direcionadas à estes são de cunho prático, estão em um passo de análise a partir de suas práticas, ou seja, na metodologia, das instrumentalidades do desenrolar de uma pesquisa que quebre com o existente.

Logo, os Estudos Culturais estão em sua fase de desdobramento epistêmico, no questionamento do existente – no poder que o modelo moderno do pensar possui – diante de contextos socioeconômicos que desafiam os pressupostos existentes.

Como já colocado no início, a busca por uma Epistemologia do Sul revela ser um campo eminentemente político, pois para estar aqui é preciso questionar antes de tudo. Enquanto produtor de conhecimento, faz-se necessário saber de onde estar partindo, de qual olhar estou lançando no campo de pesquisa. Estar neste campo é borrar as fronteiras, os limites dos estabelecidos, levar um conceito, por exemplo, à sua última potência acadêmica.

V. Conclusiones

Na busca por um entendimento da Epistemologia do Sul, há diversos caminhos que o intelectual deve percorrer, inclusive na iniciativa de desconstruir tais caminhos “lógicos”, atualizando-os da complexidade do real, sobretudo de narrativas pouco exploradas. Neste passo, o conflito se torna inevitável de adiar, diante de um cenário fortemente preso a uma lógica linear do mundo, muitos campos se negam a enxergarem novas possibilidades, podendo desestabilizar seus estudos.

Finalmente, um dos grandes desafios dos Estudos Culturais, sobretudo no desenrolar de uma nova epistemologia seria a execução de uma plena transdisciplinaridade na escrita das narrativas de comunidades silenciadas historicamente, obrigando-os a reinscrever sua própria história sub um olhar plural, não excludente e aberto a novas possibilidades. Das diversas combinações de narração, alimentando uma ecologia de saberes complementares e extremamente ricos em todos os seus



**XXXI CONGRESO ALAS
URUGUAY 2017**

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

aspectos, passando pela materialidade da vida e chegando na subjetivação do imaginário de si no mundo.

VI. Bibliografía

Baptista, Maria Manuel. (2012) “Estudos Culturais: um campo gravitacional, uma tessitura intelectual” e “O quê e como da investigação em Estudos Culturais” In *Cultura: Metodologias e Investigação* – Lisboa-Portugal: Ver o Verso Edições, Lda e Autores.

Fanon, Frantz. (1983). *Pele Negra, Máscaras Brancas*. Rio de Janeiro: Outra Gente – Editora Fator.

Maldonado-Torres, Nelson. (2016) Transdisciplinaridade e descolonialidade. *In Revista Sociedade e Estado* – Volume 31 Número 1 Janeiro/Abril 2016. Recuperado em 12 de julho, 2016, de <http://www.scielo.br/pdf/se/v31n1/0102-6992-se-31-01-00075.pdf>.

Mignolo, Walter D. (2003). *Histórias Locais/Projetos Globais: colonialidade, saberes subalternos e pensamento liminar*. Belo Horizonte: Editora UFMG.

Spivak, Gayatri Chakravorty. (1984). *Pode o subalterno falar?* 1. ed. Trad. Sandra Regina Goulart Almeida; Marcos Pereira Feitosa; André Pereira. Belo Horizonte: Editora da UFMG.